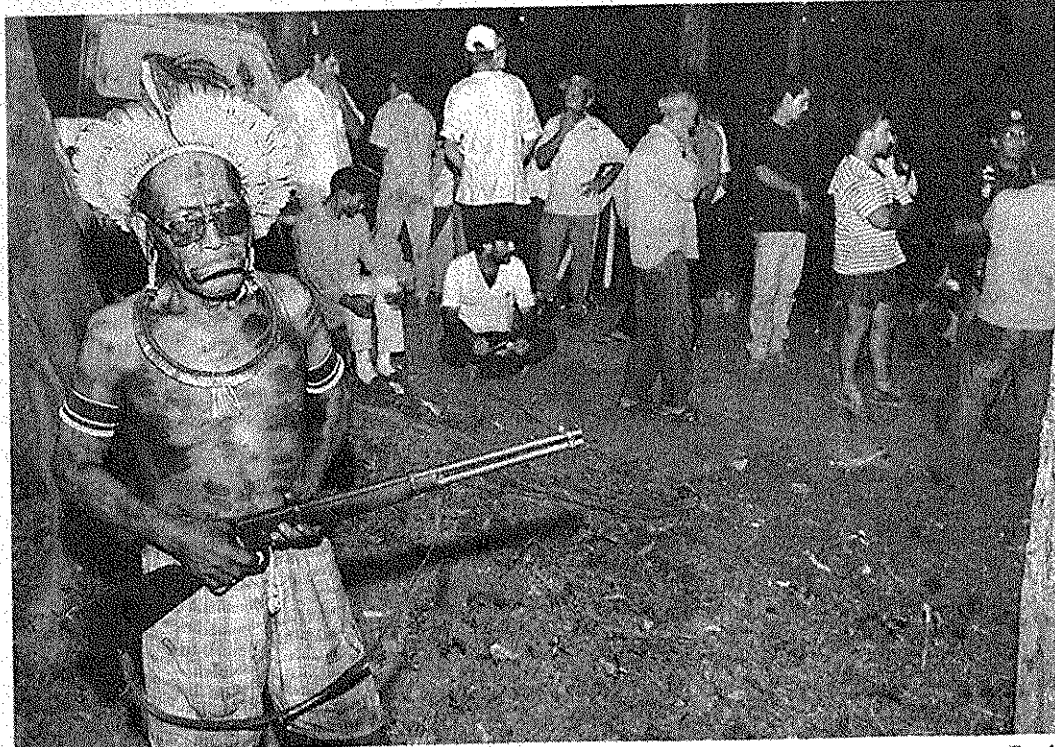


Allamira, PA – AP/O Liberal, Raimundo Paco



Na quinta-feira, os reféns ainda eram vigiados por índios armados na reserva Baú

## Caiapós libertam reféns

### Demarcação de reserva garante a soltura de turistas

MARCUS FERNANDO FIORI  
 Agência JB

BELÉM – Foram libertados ontem de manhã os 15 pescadores mantidos como reféns por índios caiapós na reserva indígena Baú, a 60 quilômetros da sede do município de Novo Progresso, no Sul do Pará. Os turistas – que passam bem – foram aprisionados na sexta-feira passada por 25 guerreiros caiapós fortemente armados e pintados para guerra. Os índios exigiam a demarcação imediata da reserva.

A libertação dos reféns ocorreu depois que o ministro da Justiça, José Gregori, enviou por fax um ato ministerial, assinado por ele, garantindo a demarcação de 1,850 milhão de hectares

do Baú. Atualmente, a reserva tem como limite o Rio Curuá e uma área total de 650 mil hectares. Com a medida, o município de Novo Progresso perdeu 60% de sua área para os caiapós.

A negociação foi apressada pela presença do procurador da República Cláudio Chequer, acompanhado da equipe de Ações Táticas da Polícia Federal, pronta para resgatar os reféns, se necessário. O procurador chegou na quinta-feira, manteve contato com o ministro por telefone e rádio e, às 15h30 do mesmo dia, recebeu o fax.

Com a notícia, os índios decidiram libertar os pescadores na manhã de ontem. Reféns, índios, policiais federais e o procurador pernотaram no acampamento. Às 8h, 25 guerreiros caiapós, o procurador Cláudio Chequer, um delegado e um agente federal subiram o Rio Curuá, numa viagem que durou duas horas e

meia, em direção à aldeia Baú, a convite do cacique Montinó Kaiapó – que tem 80 anos e liderou a ação dos índios –, para participar das comemorações pela demarcação das terras.

Vivem na aldeia Baú cerca de 160 índios caiapós mekrãgnotire, do mesmo subgrupo do cacique Raoni, primo em primeiro grau do cacique Montinó.

Antes da libertação dos reféns, chegaram ao acampamento 200 moradores e agricultores de Novo Progresso, fortemente armados, dispostos a libertar à força os pescadores. A ação foi impedida pela intervenção do procurador, por uma barreira de cinco agentes federais, armados com fuzis e metralhadoras, e por 15 índios, também prontos para atirar. Outros 10 índios ficaram com os reféns e, segundo a Polícia Federal, matariam os turistas caso a população avançasse em direção ao grupo.